



# Imagens do canibalismo na primeira modernidade: a mesa de abate entre América, Ásia e Europa

**Maria Berbara**

**Como citar:**

BERBARA, M. Imagens do canibalismo na primeira modernidade: a mesa de abate entre América, Ásia e Europa. **MODOS: Revista de História da Arte**, Campinas, SP, v. 5, n. 3, p.141-162, 2021. DOI: 10.20396/modos.v5i3.8666207. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/mod/article/view/8666207>.

**Imagem:** Folio 12 do assim chamado Atlas Vallard, 1547.

Fonte: The Huntington Library, San Marino, California.

# Imagens do canibalismo na primeira modernidade: a mesa de abate entre América, Ásia e Europa\*

Images of cannibalism in the early modern period:  
the butchering-table between America, Asia and Europe

**Maria Berbara\*\***

## RESUMO

Em ilustrações de livros, gravuras e mapas europeus produzidos na primeira época moderna é comum representar o canibalismo através de mesas de abate sobre as quais seres humanos são desmembrados. Este artigo investiga os meandros globais percorridos pela mesa de açougueiro, ou de abate, antes de ser firmemente incorporada à iconografia do “canibalismo brasileiro”. Importantes precedentes são, de um lado, elementos retóricos e visuais remontantes à antropofagia mongol; de outro, a iconografia da profanação da hóstia e o conceito da contrafação do sagrado.

## PALAVRAS-CHAVE

Canibalismo. Mesa de abate. Cartografia. Primeira época moderna. Profanação da hóstia.

## ABSTRACT

In book illustrations, engravings and maps produced in the early modern period, it is common to represent cannibalism through butchering-tables on which human beings are dismembered. This paper investigates the global roads travelled by the butchering-table before its firm incorporation to the iconography of the “Brazilian cannibalism”. Important precedents are, on the one hand, visual and rhetorical elements connected to Mongol anthropophagy; on the other, the iconography of the host desecration and the counterfeit of sacredness.

## KEYWORDS

Cannibalism. Butchering-table. Cartography. Early modern period. Host desecration.

*Para Rick Asher (1941-2021), exemplo de  
coleguismo e generosidade acadêmica.*

A partir do início do século XVI a representação de certos motivos iconográficos relacionados ao canibalismo em sociedades americanas torna-se recorrente em mapas, gravuras e ilustrações de livros europeus. Esses motivos incluem, entre outros, espetos de carne humana; árvores ou arbustos de onde se penduram membros, ou o famoso moquém, uma grelha de madeira usada pelos Tupi para defumar alimentos. Ao analisar o tema da antropofagia americana em imagens, cartas e literatura de viagens do período é possível observar como a repetição desses motivos acaba por constituir autênticas linhagens que, muitas vezes, extrapolam o arco geográfico e temporal inicialmente investigado. Construções cristãs que identificam a prática antropofágica com os confins do mundo afundam suas raízes, certamente, em tradições retóricas e visuais muito anteriores ao neologismo “canibal” inventado por Cristóvão Colombo.

Um problema central no âmbito dos estudos coloniais na primeira época moderna, de fato, é até que ponto a chegada dos europeus na América constitui um ponto de inflexão no que diz respeito à concepção do canibalismo (Lestringant, 1994: 39 segg.; Gaunt, 2013: 164-165). Sobretudo ao longo das últimas décadas, estudiosos têm-se dedicado a compreender a antropofagia enquanto um mecanismo de “outrização” remontante, ao menos, à antiguidade greco-romana<sup>1</sup>. Seria lícito supor, entretanto, que a expansão colonial europeia durante a primeira modernidade tenha determinado uma guinada epistemológica, uma forma totalmente nova de conceber e interpretar a antropofagia? Que aspectos de construções antigas e/ou medievais persistem, mais ou menos modificados, em imagens e relatos europeus relativos ao canibalismo no ‘Novo Mundo’?

Como forma de refletir sobre essas questões, este artigo irá propor

um estudo de caso centrado em um dos mais reproduzidos motivos antropofágicos da primeira época moderna: a mesa de açougueiro, ou de abate, sobre a qual corpos humanos são desmembrados e preparados para o consumo. Essas mesas surgem muito cedo em ilustrações de viagens ao continente americano: já na edição alemã de 1509 da carta de Amerigo Vespucci a Soderini, por exemplo, vê-se ao centro um homem talhando membros humanos ao lado de uma mulher enquanto, em primeiro plano, uma família parece dedicar-se a atividades quotidianas: um homem urina, outro prepara seu arco e flechas, uma mulher de longos e esvoaçantes cabelos segura seu bebê [Fig. 1]. Em imagens como essa, o canibalismo é apresentado como uma atividade corriqueira, e a mesa de abate parece formar parte natural e orgânica do ambiente doméstico.



FIG.1. Amerigo Vespucci, *Diss büchlin sagt ...* (Straßburg, 1509).

Fonte: The Huntington Library, San Marino, California.

Também em mapas a mesa aparece com frequência: no *Typus cosmographicus universalis* (Basileia, 1532) de Sebastian Münster – cujas ilustrações marginais foram atribuídas a Hans Holbein, o Jovem – um homem e uma mulher figurados na parte inferior esquerda despedaçam membros humanos sobre uma mesa. De um dos seus lados, um canibal assa uma pessoa no espeto; de outro, uma cabeça e membros humanos aparecem pendurados a galhos que formam uma tenda [Fig.2].

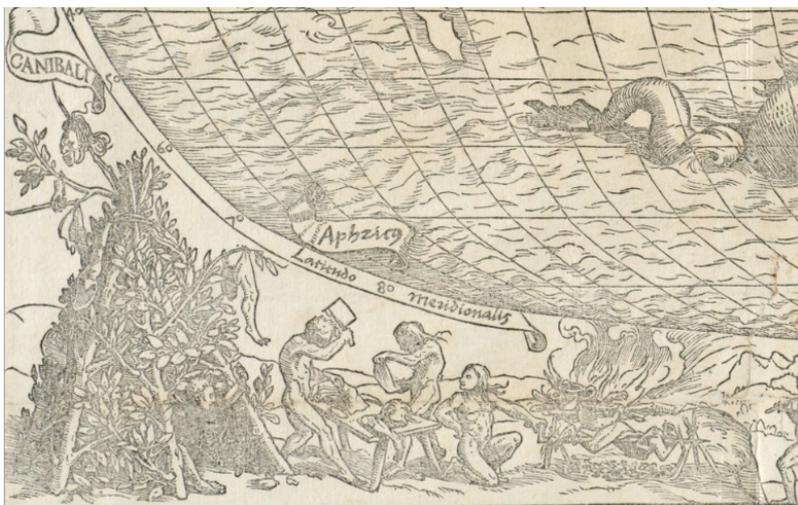


FIG.2. Sebastian Münster, *Typus cosmographicus universalis*. In: HUTTLICH, Johann (ed.). *Geographica universalis*. Basileia, 1532.  
Fonte: Beinecke Rare Book and Manuscript Library, Yale University.

No âmbito da iconografia antropofágica americana, o “canibal brasileiro” foi o primeiro a aparecer em mapas e o mais prevalente em várias regiões europeias. De acordo com uma pesquisa realizada por Surekha Davies a partir da consulta a mais de 2 mil mapas realizados entre ca. 1500 e 1650, a cada 110 obras cartográficas ilustrando ameríndios, 65 representavam o canibalismo no território que viria a constituir o Brasil (Davies, 2016: 65, 109). Embora Colombo, como mencionado acima, tenha chamado de “canibais” os “Caribes” – ressaltando, ainda, que esses antropófagos com um único olho e rosto canino só poderiam pertencer ao Grande Cã – o *topos*

canibal migraria para a América do Sul ainda nas primeiras décadas do século XVI (Davies, 2016: 70 segg.; Vignolo, 2009: 75 segg.).

Nos séculos XVI e XVII, por outro lado, atributos associados aos Tupi – que habitavam a região costeira do atual Brasil – tiveram um papel central no imaginário europeu e na criação de uma construção estereotipada do “Novo Mundo”. Os Tupinambá, em especial, acabariam por tornar-se uma *pars pro toto* válida para representar a totalidade do continente americano (Sturtevant, 1988: 293-303; Poeschel, 1985: 186 segg.; Lestringant, 1990: 251; Mason, 1998: 86 segg.). Entre os elementos característicos da iconografia tupi – ou tupinambá – estão adornos plumários, maracás, ibirapemas, e também objetos ou ações relacionadas ao canibalismo. Já a partir da segunda metade do século XVI, as ilustrações nos livros de André Thevet, Jean de Léry ou Hans Staden – assim como a posterior antologia *America*, de Theodor de Bry – haveriam de figurá-los diversas vezes matando, assando ou comendo seus inimigos.

Uma análise pormenorizada dos motivos iconográficos relacionados ao canibalismo na região do atual Brasil revela dinâmicas distintas na relação que esses motivos estabelecem seja com as fontes literárias europeias, seja com a etnografia. O moquém, por exemplo, é frequentemente mencionado na literatura de viagem e sua própria etimologia é de origem tupi<sup>2</sup>. A forma espetacular como é representado em algumas das gravuras incluídas nos volumes acima mencionados, por outro lado, revela um processo de edição que o centraliza e magnifica [Fig.3]. Uma das gravuras incluídas na edição original da *Verdadeira História* de Hans Staden, por exemplo, representa a execução de um prisioneiro carijó seguida pelo preparo do seu corpo para consumo. De acordo com Staden, o Carijó, uma vez morto, foi chamuscado em uma fogueira para que sua pele se desprendesse; depois disso, o corpo foi retalhado e comido pelos Tupinambá. A gravura que acompanha esse trecho, embora bastante fiel ao relato de Staden, diverge dele ao representar não um, mas três

moquéns sobre os quais fragmentos do corpo da vítima são simultaneamente cozinhados [Fig.4]. Embora o moquém, portanto, fosse um artefato central na cultura tupi, a maneira como o artista o emprega revela sua intenção de criar uma imagem exótica e apelativa – como se as aldeias estivessem quotidianamente salpicadas por grelhas assando pessoas.



FIGS.3-4. Theodor de Bry, *America*, parte III. Frankfurt, 1592, 179. Fonte: Getty Research Institute; Hans Staden, *Wahrhaftige Historia*. Marburg: Andres Kolben, 1557, sem número de página. Fonte: Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin - PRCEU/USP.

Outros motivos iconográficos relacionados ao canibalismo “brasileiro”, como o espeto de carne humana, parecem ter sido totalmente inventados. Esse *topos* visual, de fato, aparece muito cedo em mapas identificando a região do Brasil. A *Carta Marina* de Martin Waldseemüller, por exemplo, inclui tanto o espeto quanto a árvore com membros humanos pendurados; muito antes dele, entretanto, o mapa conhecido como Kunstmann II

- provavelmente feito por um português ou um italiano trabalhando em Portugal entre ca. 1502 e 1506 - preenchia toda a costa brasileira com um enorme canibal assando um corpo humano em um espeto [Fig.5]<sup>3</sup>. A cocção de carne com o auxílio de um espeto, porém, não comparece nas fontes literárias; Jean de Léry, de fato, haveria de refutar

o erro daqueles que, como se pode ver de seus mapas universais, não somente nos representaram os selvagens do Brasil assando carne humana em espetos como fazemos com a de carneiro e outras, mas ainda no-los pintaram a cortá-la sobre bancas, com grandes cutelos, como entre nós os carneiros fazem com a carne de vaca. Em verdade tais fantasias são tão verdadeiras quanto a história que conta Rabelais a respeito de Panurge, o qual teria escapulado do espeto lardeado e semicozido. Quem tais coisas escreveu dos selvagens do Brasil era pessoa ignorante do assunto que tratava. Tanto os brasileiros desconheciam o nosso modo de assar que certo dia ao nos verem em uma aldeia assando aves no espeto zombaram de nós e se recusaram a acreditar que uma ave assim continuamente volteada viesse a cozer, só o admitindo afinal pela comprovação do fato (cap.15).



FIG. 5. Detalhe do assim chamado mapa Kunstmann II, ca. 1506.

Fonte: Bayerische Staatsbibliothek, München.

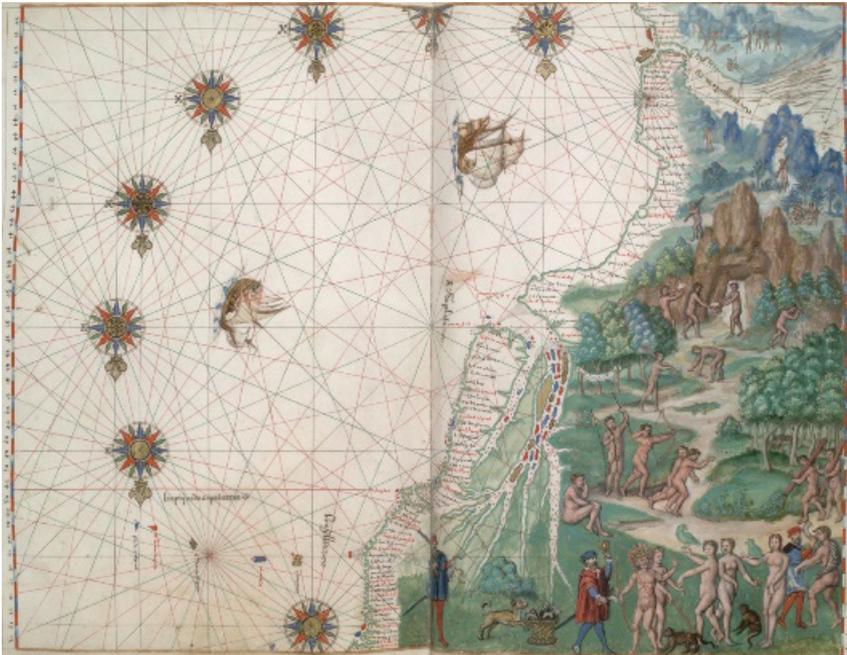


FIG.6. Folio 12 do assim chamado Atlas Vallard, 1547. Fonte: The Huntington Library, San Marino, California.

A mesa de abate, tal como costumava aparecer em mapas, geralmente representa o corte de carne humana sendo feito com objetos metálicos. Esse tipo de objetos, entretanto, não era utilizado pelas sociedades da costa do atual Brasil (Raminelli, 1996: 62). Já Caminha, em sua carta, havia indicado que os indígenas “não têm coisa que de ferro seja, e cortam sua madeira e paus com pedras feitas como cunhas, metidas em um pau entre duas talas, mui bem atadas [...]”<sup>4</sup>. Machados e facas, de fato, eram alguns dos valores de troca mais comuns entre tupis e europeus. Mapas manuscritos franceses da assim chamada escola de Dieppe – como o Atlas Vallard ou o *Boke of Idrography* de Jean Rotz [Figs. 6 e 7] – figuram o comércio de pau brasil estruturado a partir da troca entre objetos cortantes metálicos e mão de obra. Em cenas posicionadas sobre a costa brasileira, filas de indígenas dirigem-se organizadamente à floresta, de onde retornam com animais exóticos e troncos de madeira que trocam por facas, machados e espelhos guardados, para esse fim, em grandes cestos. Tanto Jean de Léry quanto André Thevet mencionam o uso de machados e machetes que haviam sido dados aos indígenas pelos franceses

para que pudessem cortar madeira; Léry, entretanto, relata que, segundo lhe havia sido explicado por um ancião, só depois da chegada de portugueses e franceses os indígenas haviam começado a cortar madeira, pois antes disso, para derrubar árvores, deitavam-lhes fogo (Léry, cap.13). A mesa, por sua vez, tampouco aparece nos relatos de jesuítas ou viajantes.



FIG.7. Detalhe do folio 28 r do *Voie of Hydrography* (também conhecido como Atlas Rotz), ca. 1535-1542. Fonte: British Library, London.

Qual é a origem, então, das vinhetas representando “canibais brasileiros” cortando com machados, foices ou facas fragmentos de corpos humanos espargidos sobre uma mesa?

Assim como o espeto, a mesa de abate se desterritorializa e ressignifica, aterrissando na América do Sul ao final de uma longa viagem. Na primeira metade do século XVI, a mesa aparece não somente no continente americano, mas, também, na Ásia. Em um dos três grandes mapas-múndi manuscritos realizados por Pierre Desceliers, por exemplo, ela é situada, juntamente com um grupo de cinocéfalos, *panotii* (homens com orelhas gigantes) e *blemmiae* (homens com o rosto sobre o tórax), próxima à tenda do Grande Cã [Fig.8].



FIG. 8. Detalhe do planisfério de Pierre Desceliers representando a Ásia, 1546.

Fonte: John Rylands Library, Manchester.

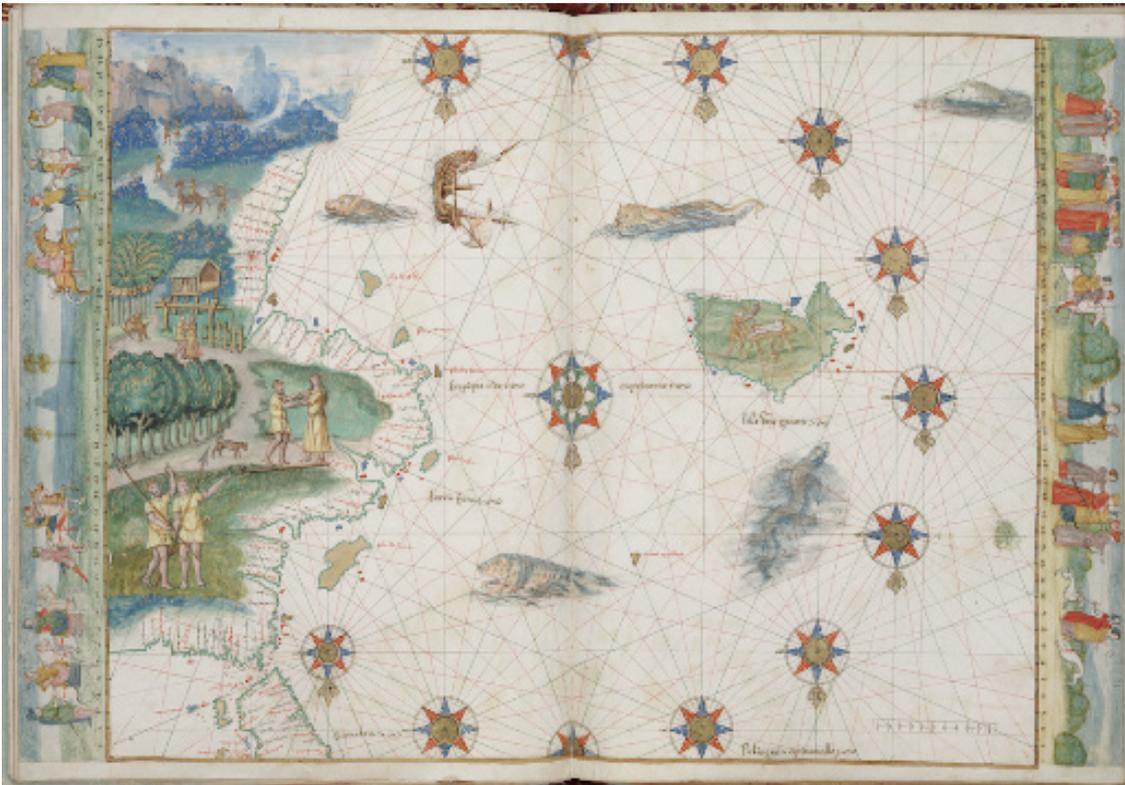


FIG.9. Mapa 3 do assim chamado Atlas Vallard, 1547.  
 Fonte: The Huntington Library, San Marino, California.

Marco Polo havia imputado aos habitantes da Java Menor – Sumatra – a prática canibal; no mesmo Atlas Vallard citado acima, de fato, a mesa de açougueiro aparece dominando uma “ilha dos gigantes” na costa indonésia [Fig.9]; o mesmo motivo ressurge na ilha de Java nas “cartas marinas” de Laurent Fries (1530) e Waldseemüller (1516), que, possivelmente, é a fonte do Atlas (Van Duzer, 46-50). Por outro lado, na primeira metade do século XVI, no âmbito da produção cartográfica de Dieppe, a “Grande Java” parece ter sido frequentemente associada à Patagônia, à Antártica e ao Brasil. Em sua *Grand Insulaire*, de fato, André Thevet havia situado no mar Austral as “ilhas de Sansão, ou dos gigantes”, as quais seriam posteriormente identificadas com

as Malvinas (Laguarda Trias, 1994: 51-81). O piloto e cartógrafo Guillaume Le Testu, por sua vez, insere em sua magnífica *Cosmografia Universal* (1556) uma “baie Braecillie” na representação da “Grande Java” [Fig.10] – nome que, com algumas variações, havia anteriormente sido indicado, nessa mesma região, por Desceliers e Rotz (Lestringant, 2013: 96 segg.). Já em fins do século XIX, Armand Rainaud observara que essa relação geográfica remonta a duas fontes principais: o globo de Johannes Schöner (1520), que representa a “Brasilia inferior” como parte do continente antártico [Fig.11], e o mapa-múndi de Oronce Finé (1531), provavelmente derivado do primeiro, no qual a região do Brasil aparece como parte de um continente independente, a *Terra Australis* (Rainaud, 1893: 292).



FIG. 10. Detalhe do folio 32v da *Cosmographie universelle* de Guillaume Le Testu, 1556.  
Fonte: Bibliothèque Nationale de France, Paris.



FIG.11. Detalhe de um fac-símile do globo de Johannes Schöner, 1520. Fonte: (Franz von Wieser, Magalhaes-Strasse und Austral-Continent. Auf den Globen Johannes Schöner. Beitrage zur geschichte der Erdkunde im xvi. Jahrhundert, Innsbruck, 1881).<sup>5</sup>

Como observou Surekha Davies (2016: 98), o olhar contemporâneo acostumou-se a situar o continente americano e a Ásia em lados opostos do mapa. Eles estão separados, de um lado – geralmente invisível – pela vastidão do Pacífico; de outro, pelo resto do mundo. Em mapas como os mencionados acima e em exemplos anteriores – como o de Johannes Ruysch, 1507 – América e Ásia aparecem muito mais próximas, de modo a tornar o intercâmbio etnográfico entre essas regiões plausível e mesmo esperável.

Relatos de antropofagia na Ásia eram comuns nos séculos anteriores à chegada dos europeus na América. A partir do século XIII a narrativa canibal europeia passa a associar-se, principalmente, aos mongóis. Mesmo em regiões não diretamente afetadas pelas suas invasões<sup>6</sup>, como a Inglaterra, abundam relatos pormenorizados sobre a extrema crueldade das suas tropas. Esses relatos enfatizam a natureza sistemática dos massacres perpetrados por elas, assim como seu zelo em não deixar sobreviventes. Do ponto de vista da descrição da crueldade mongol, cronistas europeus costumavam ressaltar, de um lado, a violência sexual; de outro, a

antropofagia (Baraz, 2003: 95). O monge beneditino Mateus de Paris, por exemplo, ilustrou em sua *Chronica majora* (ca. 1240-1253) uma carta escrita em 1243 por Ivo de Narbonne ao arcebispo de Bordeaux narrando como os líderes tártaros devoram os corpos de suas vítimas na batalha (Tattersall, 1988: 244; Phillips, 2013: 91 segg.). Mateus – que, além de escritor, foi também um influente pintor – representou guerreiros mongóis de feições grosseiras e ferozes assando um corpo humano em um espeto, enquanto, à esquerda, um prisioneiro sem roupas aparece atado pelos pulsos e cabelos a uma árvore. Pelo chão, em primeiro plano, jazem cabeças e membros humanos ensanguentados [Fig.12].

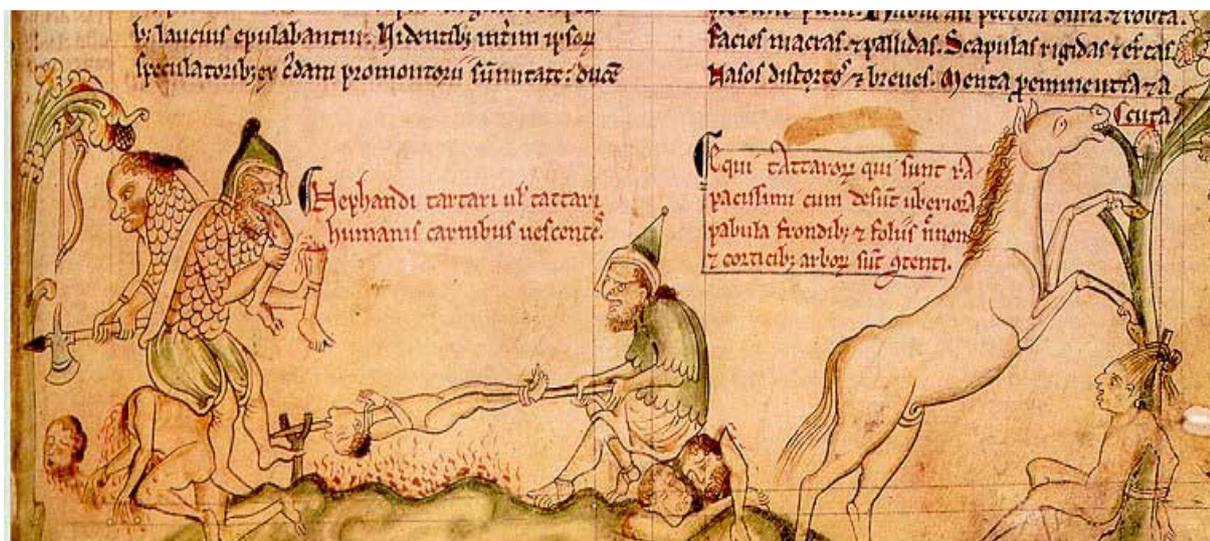


FIG.12. Mateus de Paris, detalhe do folio 167r da *Chronica Majora*.  
Fonte: Corpus Christi College, Cambridge.

Esse tipo de representações, por sua vez, parece documentar visualmente relatos de antropofagia que relacionam mongóis às forças demoníacas dos povos de Gog e Magog. Segundo intrincadas tradições medievais remontantes ao Antigo Testamento, esses povos formavam, juntamente com outras raças monstruosas – como os cinocéfalos – as hordas do Anticristo (Vignolo, 2009: 45 segg.). Suzanne Lewis (1987: 287), de fato, sugere que Mateus tenha se inspirado em representações contemporâneas

de Gog e Magog, como, por exemplo, aquela proveniente do *Romance de Alexandre* no Trinity College de Cambridge [Fig.13].



FIG. 13. Ilustração no *Romance de Alexandre*. Detalhe do fólio 23v. Fonte: Trinity College, Cambridge.

Relatos sobre a prática antropofágica no continente asiático aparecem, ainda, no famoso livro de viagens de Marco Polo, o mercador veneziano que, supostamente, teria atravessado a Ásia na segunda metade do século XIII, chegando aos domínios do grande Kublai Cã, neto de Gengis. Polo menciona em diversas ocasiões a prática canibal entre povos asiáticos – embora, curiosamente, não a relacione aos mongóis, mas sim a tibetanos, aos habitantes de Cipangu, no Japão, e *Fugui* (Fuzhou). Em relação a estes últimos, o mercador refere que “são crudelíssimos, porque matam homens para beber-lhes o sangue e comer-lhes a carne” (Phillips, 2013: 91). Em uma bela edição francesa de fins do século XV ou início do XVI, o capítulo sobre o reino de *Fugui* é ilustrado com a velha e conhecida mesa de abate sobre a qual, neste caso, dois homens com turbantes orientalizes despedaçam um corpo humano [Fig.14].



FIG. 14. Detalhe do fólio 119v de *Le livre des voyages de Marco Polo* (traduzido por Robert Frescher). Fonte: Bibliothèque Nationale de France. Bibliothèque de l’Arsenal, Paris.

Como se viu, assim, a mesa de abate percorre meandros globais antes de ser firmemente incorporada à iconografia do “canibalismo brasileiro”. Cabe considerar, ainda, se esse *topos* visual poderia aludir, no século XVI, a alguma outra tradição, isso é, a qual linhagem tipológica ele poderia pertencer. A imagem de uma ou mais pessoas debruçando-se sobre uma mesa tendo em mãos um objeto cortante, de fato, poderia remeter à iconografia da profanação da hóstia. Segundo o dogma da transubstanciação, o pão e o vinho transformam-se substancialmente em corpo e sangue de Cristo durante a missa. A destruição da hóstia consagrada, portanto, constitui um sacrilégio da maior gravidade sob a perspectiva católica. Principalmente a partir do Quarto Concílio Laterano (1215), que confirma o dogma da transubstanciação, pessoas judias passam a ser acusadas, em distintas regiões europeias, de profanar hóstias. A primeira acusação de profanação da hóstia ocorreu em Beelitz (Alemanha) em 1243; como consequência, os judeus da cidade foram

levados à fogueira e posteriormente enterrados na que ficaria conhecida como *Judenberg*. Esse tipo de acusações torna-se comum até, ao menos, o início do século XVI, embora casos isolados tenham persistido até o século XIX (Trachtenberg, 2002: parte 2, 8; e Tannahill, 1996: 81-82).

O tema da profanação da hóstia torna-se recorrente, ainda, na literatura e nas artes visuais, nas quais assume distintas formas: hóstias aparecem sendo roubadas, vendidas, mutiladas... Entre essas agressões, porém, talvez a mais célebre, na iconografia, seja o ato de esfaqueá-las sobre altares. O retábulo de Vallbona de les Monges, por exemplo, inclui uma cena com dois judeus apunhalando sobre um altar uma hóstia [Fig.15]. O sangue que dela emana simultaneamente indica a presença real do corpo de Cristo e enfatiza a monstruosidade do crime (Melero Moneo, 2002-2003: 29). A composição dessa imagem, assim como de outras tantas representando o mesmo tema, constituía-se como uma representação eucarística “em negativo”, uma imitação diabólica, um plágio. As semelhanças entre as imagens da profanação sobre o altar e o verdadeiro rito eucarístico – durante o qual se revive o sacrifício de Cristo – revelariam, nesse sentido, a intromissão satânica, a contrafação do sagrado. Hóstias profanadas são o elemento central na construção das assim chamadas missas negras, rituais miméticos e muitas vezes paródicos que “inverteriam” a missa católica<sup>7</sup>.

No século XVI, no contexto da cristianização do continente americano, o tema do plágio diabólico constituiria objeto de grande preocupação, entre outros, nos escritos do dominicano Diego Durán (ca. 1537-1588) ou do jesuíta José de Acosta (1540-1600), que os detectariam nos sacrifícios sangrentos realizados pelos mexicas. Carlos Jáuregui observa como o conceito de *Simia Dei*, a inveja de Lúcifer e o seu desejo de imitar Deus, transparece nesse tipo de escritos; “No caso específico da Eucaristia, o Diabo extremava a cópia da transubstanciação até o sacrifício sangrento, como se quisesse exceder o mais sagrado mistério” (Jáuregui, 2003: 205, tradução nossa).

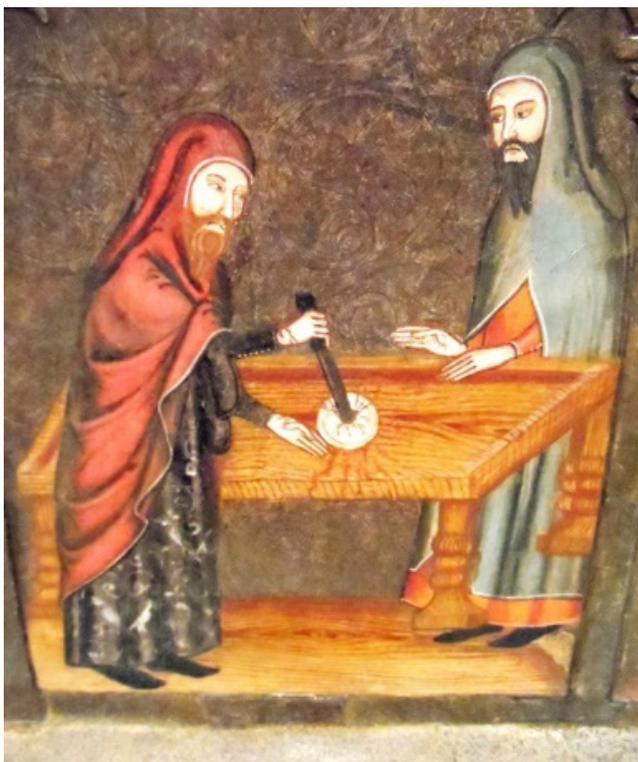


FIG. 15. Detalhe do retábulo de Vallbona de les Monges (ou do Corpus Christi), ca. 1335-1350.  
Fonte: Museu Nacional de Arte da Catalunha, Barcelona.

Se consideramos essas distintas tradições, não parece improvável que, no imaginário europeu da primeira época moderna, a mesa de abate em solo “brasileiro” tenha sintetizado distintas tradições precedentes e aludido, ainda, a questões contemporâneas relativas a processos de conversão. O fato de que, segundo as fontes, as sociedades originárias dessas regiões não conhecessem objetos metálicos cortantes nem usassem mesas, não impediu a sedimentação desse motivo iconográfico ainda na primeira metade do século XVI. Investigar os meandros percorridos pela mesa antes da sua aterrissagem na América ajuda a iluminar a bagagem que carrega e, portanto, as suas conotações simbólicas, culturais e emocionais. Este estudo de caso aponta, ainda, para a continuidade de conceitos vinculados ao canibalismo antes e depois de 1492; as construções europeias da antropofagia, de fato, afundam suas raízes na antiguidade greco-romana e se desenvolvem a partir

de ações e reações relativas a distintas alteridades ao longo dos séculos que precedem a colonização da América.

O conceito das “fake news” – no século XVI como hoje – parte do princípio da verossimilhança, isso é, a notícia não precisa ser verdadeira, mas parecer sê-lo. A mesa, a antropofagia, o Grande Cã – todos eram conceitos fartamente conhecidos na Europa e parecia verossímil que se encontrassem em um novo mundo assombrado por antigos fantasmas. No caso específico da mesa, referências – tanto medievais quanto contemporâneas – à antropofagia asiática possivelmente mesclaram-se à tradição iconográfica da profanação da hóstia de modo a criar uma fórmula visual a um só tempo nova e reconhecível.

## Referências

- BARAZ, Daniel. *Medieval Cruelty. Changing Perceptions, Late Antiquity to the Early Modern Period*. Ithaca e Londres: Cornell University Press, 2003.
- DAVIES, Surekha. *Renaissance Ethnography and the Invention of the Human. New Worlds, Maps and Monsters*. Cambridge: Cambridge University Press, 2016.
- DE BRY, Theodor. *America*, parte III. Frankfurt, 1592.
- GAUNT, Simon. *Marco Polo's 'Le Devisement du Monde'. Narrative Voice, Language and Diversity*. Cambridge: Brewer, 2013.
- JÁUREGUI, Carlos. 'El plato más sabroso': Eucaristía, plagio diabólico, y la traducción criolla del canibal. *Colonial Latin American Review*, vol. 12, n. 2, 2003
- LAGUARDA TRIAS, Rolando. El descubrimiento de las Islas Malvinas en 1520 y su predescubrimiento presunto. *Revista De Historia De América*, n. 118, p. 51-81, 1994.
- LÉRY, Jean de. *Histoire d'un voyage fait en la terre du Brésil*. Geneva and La Rochelle: Antoine Chuppin, 1578 (edição citada: *Viagem à Terra do Brasil*. Tradução de Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1961).
- LESTRINGANT, Frank. *Le Huguenot et le Sauvage*. Paris: Klincksieck, 1990.
- \_\_\_\_\_. *Le cannibale: Grandeur et décadence*. Genebra: Droz, 2016 (primeira edição: 1994).
- \_\_\_\_\_. La cosmographie universelle de Guillaume Le Testu (1556). Au croisement de la géographie savante et de la science nautique des portulans. *Bulletin du Comité Français de Cartographie*, n. 216, 2013.
- LEWIS, Suzanne. *The Art of Matthew Paris in the Chronica Majora*. Berkeley: University of California Press, 1987.
- MASON, Peter. *Infelicities. Representations of the Exotic*. Baltimore: Johns Hopkins

Univeristy Press, 1998.

MELERO MONEO, Marisa. Eucaristía y polémica antisemita en el retablo y frontal de Vallbona de les Monges. *Locus Amoenus*, vol. 6, 2002-2003.

PHILLIPS, Kim. *Before Orientalism: Asian Peoples and Cultures in European Travel Writing, 1245-1510*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 2013.

POESCHEL, Sabine. *Studien zur Ikonographie der Erdteile in der Kunst des 16.-18. Jahrhunderts*. München: Scaneg, 1985.

RAINAUD, Armand. *Le continent austral: Hypotheses et découvertes*. Paris: Armand Colin, 1893 (reimpresso em Amsterdã: Meridian, 1965).

RAMINELLI, Ronald. *Imagens da colonização. A representação do índio de Caminha a Vieira*. Rio de Janeiro/São Paulo: Jorge Zahar/Edusp, 1996.

SAUNDERS, Joseph. *The History of the Mongol Conquests*. London: Routledge, 1971.

STURTEVANT, William. La 'tupinambisation' des Indiens d'Amérique du Nord. In: Gilles Thérien (org.). *Les Figures de l'Indien*. Montreal: Université du Québec, 1988.

TANNAHILL, Reay. *Flesh and Blood: A History of the Cannibal Complex*. Boston: Little Brown, 1996.

TATTERSALL, Jill. Anthropophagi and Eaters of Raw Flesh in French Literature of the Crusade Period: Myth, Tradition and Reality. *Medium Aevum*, vol. 57, n. 2, p. 240-253, 1988.

THEVET, André. *Les Singularitez de la France Antarctique*. Paris: Maurice de la Porte, 1557.

TRACHTENBERG, Joshua. *The Devil and the Jews: The Medieval Conception of the Jew and Its Relation to Modern Anti-Semitism*. Philadelphia: The Jewish Publication Society, 2002.

VAN DUZER, Chet. *Martin Waldseemüller's 'Carta Marina' of 1516. Study and Transcription of the Long Legends*. Cham: Springer Open, 2020.

VAN LUIJK, Ruben. A Brief History of Black Mass. In: GEEST, Paul van; POORTHUIS, Marcel; ROSE, Els (orgs.). *Sanctifying Texts, Transforming Rituals. Encounters in Liturgical Studies*. Leiden: Brill, 2017, p.275-288.

VIGNOLO, Paolo. *Cannibali, giganti e selvaggi. Creature mostruose del Nuovo Mondo*. Milano: Mondadori, 2009.

WOORTMANN, Klaas. O selvagem e a História. Heródoto e a questão do Outro. *Revista de Antropologia da USP*, v. 43, n. 1, p.13-59, 2000.

## Notas

- \* Gostaria de agradecer a Chet Van Duzer e a Renato Menezes por compartilhar comigo material bibliográfico essencial para a realização deste artigo, e às organizadoras deste dossiê, Claire Farago

e Flávia Galli Tatsch, pelas excelentes sugestões e cuidadoso trabalho editorial.

\*\* Maria Berbara é doutora pela Universidade de Hamburgo e ensina História da Arte na UERJ desde 2005. Especializou-se em arte italiana e ibérica produzida entre os séculos XV e XVII, assim como em história cultural, globalismo na Primeira Época Moderna e intercâmbios intelectuais no mundo atlântico. É procientista e bolsista de produtividade do CNPq. E-mail: maria.berbara@uerj.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4087-4699>.

- 1 Pense-se, por exemplo, no ciclope Polifemo, em Cronos devorando seus próprios filhos, ou, no campo da história, nas menções de Heródoto aos povos antropófagos (Woortmann, 2000: 19-20).
- 2 A raiz verbal de “moquéem” é “tostar” (mokaë), de onde “mokaë ytá” (grelha). Gostaria de expressar meus agradecimentos a Cândida Barros e Ruth Monserrat por toda a sua inestimável ajuda no campo da língua tupi.
- 3 Ver o capítulo 3 de Surekha Davies, *Renaissance Ethnography*.
- 4 A carta está em domínio público e disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/ua000283.pdf> (acesso em: 6 de junho de 2021).
- 5 Apud José Pinto Casquillo, “A insídia das formas – ensaio semiótico relativo a “Rio Timor” no Atlas Vallard e “Brasilia Inferior” no globo de Schöner”. *Diálogos – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Nacional Timor Lorosa’e*, vol. II, n. 2, 2017, p. 186.
- 6 As invasões mongóis restringiram-se ao leste da Europa e tiveram curta duração (1237-1241). Ver John Saunders, 1971.
- 7 Para a definição e problematização do termo “missa negra” ver van Luijk, 2017.

Texto recebido em junho de 2021. Texto aprovado em agosto de 2021.